

Xavier Marques: fatos pessoais (para uma biografia literária)

1. *NOTA PRÉVIA* — Até mesmo as correntes mais *textualistas* de estudo literário têm afastado dúvidas sobre a importância esclarecedora, embora subsidiária, da biografia para a integral compreensão da obra literária de um determinado autor. Colocar a biografia em posição subsidiária foi simplesmente uma conquista, como se sabe, que concede hoje um indispensável alívio a quem observar o destaque que ela detinha na História Literária quando as historiografias eram cemitérios de nomes e datas, ou, no dizer

de José Veríssimo, "fartos róis de autores e obras" (1). Houve porém um curioso efeito. Talvez pelo fato de a conquista ter sido longa e árdua, surgiu certo pré-juízo contra o levantamento biográfico de autor literário. Daí o tom de alarma com que logo são censurados quaisquer estudos que, com justeza, não visam a servir senão de subsídio à interpretação da obra, nunca um sucedâneo dessa interpretação.

São essas as coordenadas em que nos colocamos (quase como cautela para com o pré-juízo an-

tibiográfico que eventualmente possuamos) antes de reunir dados biográficos de Xavier Marques que até agora eram obscuros, ou apresentados com discrepância em algumas sínteses biográficas.

Não intentamos aqui uma biografia — que não é nosso propósito —, mas a divulgação sistematizada de fatos biográficos, muitos dêles registrados pelo próprio punho do escritor, outros encontrados no noticiário de jornais da época. A uns e outros ajuntamos informações de D. Rute Xavier Marques, que, com amabilidade e um gesto generoso, colocou à nossa disposição as notas redigidas por seu pai no início dêste século. Alguns dêsses registros, em letra miúda e um pouco tremida, estão em uma "agenda médica" de 1904; os mais característicos, porém, em pequenos pedaços de papel, onde se superpõem com o correr do tempo, a lápis e a tinta, notas de nascimento e de morte na família, eventos pessoais e datas sôbre a vida de Xavier Marques na imprensa.

Cronologicamente, são fatos relativos aos primeiros 50 anos, dos 81 vividos pelo escritor. Acrescentamos mais alguns, relativos à parte final de sua vida, pela íntima relação que têm como complementação daqueles. Pena que, como autor de uma biografia de Castro Alves e apesar de ser tão minucioso sôbre fatos de uma fase de sua vida, Xavier Marques não tenha registrado eventos dos anos finais,

ou seja, aquêles que se iniciam com seu retôrno do Rio de Janeiro, em 1924. Sômente um levantamento biográfico vindouro revelará sôbre êsse período de ocaso, a cujo respeito acrescentou-se adiante uma nota que, sintomaticamente, faz-nos recordar as observações iniciais, que agora servem de conclusão, a propósito do caráter esclarecedor e subsidiário dos dados biográficos de um autor — (como os que se seguem).

2. *LAÇOS DE FAMÍLIA* — Francisco Xavier Ferreira Marques, baiano da Ilha de Itaparica, nasceu a 3 de dezembro de 1861, primeiro dos três filhos havidos do casamento de Vicente Avelino Ferreira Marques e D. Florinda Agripina Ferreira Marques⁽²⁾, esta falecida pouco depois de seu filho Francisco Xavier⁽³⁾ haver completado seis anos⁽⁴⁾. O pai, que durante muitos anos possuiu um barco a transportar passageiros e carga entre a Ilha e Salvador, não possuía maiores recursos e findou seus dias como comerciante estabelecido em Itaparica⁽⁵⁾.

Criado com seus irmãos por uma tia materna, D. Emília Joaquina Bernardes⁽⁶⁾, viveu a infância e a adolescência na cidade de Itaparica, onde fêz os estudos primários com o Prof. Genuíno da Silva Rosa Imbirussu Camacã, mestre que ensinou também a Xavier o latim e o francês⁽⁷⁾. A propósito, o curso primário foi o único curso formal de tôda a sua vida⁽⁸⁾.

Nascimentos.

F. Xavier F. Marques - em 3 de Janeiro
de 1861.

Candida Marques - em 30 de Agosto
de 1863.

Vicente Marques - em 26 de Março de
1867.

Falecimentos

D. Florinda Marques - em 30 de Janeiro
de 1868.

Faleceu Vicente Soares Marques
seu pai, a 2 de Maio de 1893.

Faleceu Antonio Bernades em 5 de
Setembro de 1895.

D. Emilia Joaquim em 7 de Abril de
1899.

Anotações do próprio punho de X.M. Datas de seu nascimento e de seus irmãos,
datas de falecimento de seus pais e dos tios que o criaram.

Entree para a rebocear
 O Jornal de Notícias
 em 25 de setembro
 de 1885. Hist. de 1885
do dia 25
 em 1885. 1845
 Vem para a Bahia
 em fins de 1882
 Vem para a Bahia em Junho
 de 1880.
 Correio no dia 7 de dezembro
 de 1889. 1889
de 1889
 Nasceu Thico, meu 1.º filho
 a 15 de agosto de 1891: 8 horas
 da manhã.

Retirei-me do jornal
 O Notícias no dia
 29 de agosto de 1891.
 Entree para o Diário
 da Bahia a 9 de setembro
 de 1891.
 Falleceu o meu pai na Bahia em
 17 de março de 1901.
 Falleceu meu pai a
 2 de março de 1893.
 Sepultura no cemitério no
 27 no cemitério de São Francisco.

Anotações do próprio punho de X.M. (verso e reverso).

D. Ilustre Sr. Brasilairia, orgão da ^{Comunidade} Associação de Antigos - Outubro, 22, 1922.
Rio de Janeiro.

Galeria de retratos de Ilustres
do Colégio Nacional, em
plata, nº 100, 2.º andar.

Xavier Marques

Francisco Xavier Ferreira Marques - Filho de Sr. Vicente Ferreira
Avelino Marques e de D. Florinda Agrippina Marques, nasceu
na Bahia, cidade de Itapicica, aos 3 de dezembro de 1861. Fez os
seus estudos preparatórios, entregou-se ao magisterio particular, que
logo abandonou para se consagrar ao jornalismo, entrando para
a redacção do "Jornal de Notícias", da capital, em 1885. Abol
liberal por índole, sustentou ideias democráticas, cabendo-lhe o nome
de "advogado da República". Foi esse período de sua actividade pelo
meandros da vida publica que iniciou a sua actividade na im-
pressão: do "Jornal de Notícias", sua primeira arena de com-
bates no jornalismo, passou para o "Diário da Bahia", de que foi
redactor politico durante cinco annos de lutas reuvidas, na
epoca em que se organizava o Estado de accordo com a
nova república. Na noite de 3 de Junho de 1895, quando
as paixões politicas haviam chegado ao mais detestavel estado
de agitação, ia sendo victimado pelos sicarios que assalta-
ram o "diário", então a serviço do partido ou partidos opo-
sicionistas. Depois, e mesmamente, foi redactor do "A Ba-
hia", "Diário de Notícias" e do "Quarta do Povo", onde começou,
desde 1908, a apoiar a corrente politica que se formava

É de então o comêço de sua longa militância jornalística, quando, como narraria mais tarde, iniciou-se "na imprensa na cidade natal, com um periódico de um palmo, por sinal que se intitulava *Cosmos*. Éramos dois os redatores", tocando a XM escrever os "artigos de fundo" (9).

3. *CAMINHO PROFISSIONAL* — Em fins de 1882, veio morar na Capital baiana (10), trazendo da Ilha a raiz afetiva e o substrato ficcional de que XM se valeria depois para recriar os personagens e a paisagem da *Rêconcavo praieiro* em romances e contos.

Orientado pela amizade do Cônego Francisco Bernardino de Souza, passou a lecionar em escolas primárias, inclusive a do sacerdote (11), antes de ingressar, como era seu intento, na imprensa. A ela chegou com o prestígio de poeta. Seus versos começaram a ser publicados no *Jornal de Notícias*, mercê de um dos redatores, João Augusto Neiva, que não apenas fêz do principiante um colaborador efetivo do diário; ao sair, em 1885, convidou-o para tomar a vaga (12). Iniciou-se, então, verdadeiramente, uma atividade jornalística que foi cotidiana por mais de trinta anos (13).

Se antes de ingressar no *Jornal de Notícias* reunira em livro — *Temas e Variações* — os poemas escritos entre 1880 e 1884, foi pela tipografia do jornal que editou o segundo livro, *Simple Histórias*, seguindo-se em 1888

o romance *Uma Família Baiana*, livros que representam a fase de aprendizagem literária de Xavier Marques, que, ademais de não reeditá-los, chegou a não fazer referência a êles em bibliografias que divulgou posteriormente (14).

Oito anos passariam antes que voltasse a publicar livro. Era preciso tornar o seu nome firmado na imprensa baiana, à qual passou a dedicar-se inteiramente (15), e era necessário prover o sustento dos seus, pois casara-se no dia 7 de dezembro de 1889 com D. Georgina Coelho de Menezes Dórea Marques (16) e haviam nascido os dois primeiros filhos (17).

Duas semanas após o nascimento do primogênito, retirou-se do *Jornal de Notícias* e em nota afirmou ter saído "por motivo que não importa aqui expor", enquanto o jornal (então dirigido por Aloísio de Carvalho), em outra nota, fêz os elogios de praxe e, com malícia, referiu-se à "segurança de um futuro, a que é necessário prover" (18). Voltou XM em carta para explicar que "não fui, nem sou um *homem prático*" e que não se retirava por motivos econômicos (19). Conclusão: dias depois — 9 de setembro de 1891 — ingressou no *Diário da Bahia* (20), como redator político (21), onde permaneceu até 1896 (22), com bom proveito, como se verá. Logo depois, passou para *A Bahia*, dirigido por Castro Rabello, onde não ficou por muito tempo (23). Posterior-

mente, fêz parte do corpo de redatores do *Diário de Notícias* e da *Gazeta do Povo* (24). Por fim, no início de 1916, já político êle próprio, ingressou em *O Democrata*, órgão do Partido Republicano Democrata, onde ascendeu a redator-chefe e a diretor. Quando deixou o jornal, em 1919, deixava também a imprensa diária (25), ainda que nunca tenha realmente abandonado o jornalismo — quer como redator, quer como colaborador.

Em meados da década de 1890, na época em que se tornou redator político, foi nomeado terceiro-oficial da Câmara dos Deputados, ascendendo até primeiro-oficial nos 20 anos em que prestou serviços (26), aposentando-se por "invalidez" (27). Logo depois foi eleito deputado estadual (1915), mandato que exerceu até 1921, ocasião em que deixou a Bahia por três anos, como representante na Câmara Federal, sempre "ao influxo da orientação do Dr. J. J. Seabra" (28) e como membro do Partido Republicano Democrata. Se a atividade como deputado estadual não revelara maiores méritos políticos no escritor, exceto talvez em sua preocupação para com a Educação, ou melhor, como se dizia, a Instrução Pública, na Câmara Federal foi também como membro da Comissão de Instrução Pública que revelou certa combatividade (29).

4. *LITERATO E "IMORTAL"* — O itaparicano que ascendera de professor primário a

jornalista-diretor de jornal, de redator político a deputado federal, alcançou também notoriedade na vida literária. De conferencista de "público seletto e assíduo", membro dos grupos literários baianos, veio a ser distinguido como "cavaleiro de honra" da *Nova Cruzada*, grupo de renovação literária do início do século na Bahia (30), cujos membros lhe dedicaram um número inteiro de sua revista literária (31) e, não bastando, promoveram uma sessão solene de homenagem e consagração, em 10 de setembro de 1906 (32).

Motivos existiam para as homenagens, isto é, motivos literários. Havia também outros, os de vida literária. Em 1905, candidatara-se XM à Academia Brasileira de Letras, sem dar-se ao cuidado de ir ao Rio de Janeiro a fim de, visitando cada acadêmico, fazer o tradicional pedido de voto. Era seu opositor Euclides da Cunha. Teve apenas um voto, o mais ilustre na época, o de Machado de Assis. Depois, negou-se por anos a fio a apresentar-se novamente candidato; Euclides foi assassinado, Afrânio Peixoto exigiu fôsse XM consultado: êle permanecia inarredável. A Academia promoveu um nítido desagravo com a premiação de *O Sargento Pedro*, com parecer de José Veríssimo e aprovação unânime (33). Entretanto, somente em 1919, por um artifício, veio a ser candidato, sem concorrentes (34), graças a uma carta forjada por Goulart de Andrade,

para depois, tornada a candidatura um fato consumado, ser tal carta substituída por uma autêntica⁽³⁵⁾. Eleito, para a vaga do fundador Inglês de Souza (cadeira n.º 28, patrono: Manuel Antônio de Almeida), tomou posse em 17 de setembro de 1920⁽³⁶⁾.

Antes, a *imortalidade* já o havia alcançado, na Bahia, na qualidade de um dos mais ativos fundadores da Academia de Letras da Bahia, em 1917. Ocupou então a Cadeira n.º 33 (patrono: Castro Alves) e, ademais de eleito 2.º secretário, foi o orador oficial da sessão de instalação acadêmica — 10 de abril de 1917⁽³⁷⁾.

5. OS ANOS FINAIS — O período de 1921-1924 em que, como deputado federal, residiu no Rio de Janeiro, marcou o momento máximo de prestígio social de Xavier Marques. Tudo levava o escritor a uma situação preeminente. Inclusive, até certo ponto, os locais em que residira. Após obscuros endereços dos primeiros anos, anunciava a residência na Rua da

Preguiça, 43, em 1891⁽³⁸⁾. Em 1908, estava mais acima: Rua do Sodré, 26⁽³⁹⁾, e por duas vezes habitara casas da Rua Carlos Gomes, a segunda — n.º 110 — em 1915⁽⁴⁰⁾. Os anos de deputação estadual foram vividos no sobrado que comprara na Rua Almeida Couto, 33⁽⁴¹⁾. Quando voltou do Rio, aos 63 anos, foi residir no São José de Cima, 32 (Barbalho)⁽⁴²⁾, passando a viver da pensão do Governo e de uma atividade esporádica como colaborador de jornais e revistas⁽⁴³⁾, pois os livros nada lhe rendiam⁽⁴⁴⁾. Era o declínio natural, a marginalização da velhice que o acompanharia por 17 anos⁽⁴⁵⁾.

Em 1942, adquiriu uma casa, a última delas, na Ladeira da Soledade⁽⁴⁶⁾. No mesmo ano, a 30 de outubro, faleceu, pouco depois de a Faculdade de Filosofia da Bahia haver-lhe concedido o título de Professor *Honoris-Causa*. São muitas e destacadas as figuras que lhe prestaram a última homenagem⁽⁴⁷⁾, antes que seu corpo baixasse à campa 1290, no Campo Santo da Cidade do Salvador.

DAVID SALLES

¹ Veríssimo, José. *História da Literatura Brasileira*. Introdução de Heron de Alencar. 4.^a ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963. p. 14.

² Nota do próprio punho de XM. (Doravante as notas de autoria de Xavier Marques serão referidas como "Nota de XM"). Os outros irmãos de XM foram Cândida (* 30 ago. 1863 — falecida) e Vicente de Paula (* 26 mar. 1867 — falecido). Nota de XM. Ver nota 4, sobre irmãos do segundo casal.

³ Peixoto, Afrânio. *Livro de Horas*. Rio de Janeiro, Agir, 1947. p. 310. O nome Francisco Xavier teria sido ex-voto de uma invocação feita a S. Francisco Xavier por ocasião da epidemia de cólera, em 1855, como fizeram os habitantes de Salvador ao santo padroeiro da cidade. Na verdade, o próprio XM preocupou-se com o surto de cólera em sua obra. Veio a servir de agente para o desenlace de seu primeiro romance, *Uma Família Bahiana*, no qual (cap. XXI) os recém-casados Luciano e Mafalda escapam da morte por terem viajado para S. Paulo.

⁴ D. Florinda Agripina Ferreira Marques faleceu em 30 de janeiro de 1868 (Nota de XM). Não tem fundamento, portanto, o que asseveram algumas das biografias do A., que anotam ter D. Florinda sobrevivido a Vicente Avelino. Aliás, esse equívoco apresenta-se sempre com redação similar: "Muito jovem ainda faltou-lhe o progenitor e teve que ajudar aos irmãos". Cf. *Diário da Bahia*. Salvador, 31 out. 1942, e também Cunha, Arnaldo Pimenta da. Nota Biográfica. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador, (69): 195-6, 1943. Vicente Avelino casou-se pela segunda vez, tornando-se pai de mais cinco filhos: Lídia, Severiano, Geraldina, Dídimo e Isabel. (Informação de D. Rute Xavier Marques).

⁵ O pai de XM faleceu a 2 de maio de 1893 e foi sepultado no carneiro n.º 27 do cemitério de Itaparica (Nota de XM).

⁶ D. Emília Joaquina Bernardes faleceu em 1.º de abril de 1919, enquanto seu marido, Antônio Bernardes, faleceu em 5 de setembro de 1895. (Nota de XM, onde é interessante salientar o registro paralelo da morte dos pais e dos tios, na verdade, pais de criação).

⁷ Informação de D. Rute Xavier Marques e nota de XM.

⁸ Seu curso primário em Itaparica é o único evento incontestado a respeito. Uma nota publicada na edição de *Autores e Livros*. Rio de Janeiro, 7 dez. 1941, p. 17, comemorativa do 80.º aniversário de XM, acrescenta: "Transferindo-se para Salvador, matriculou-se no colégio do Cônego Francisco Bernardino de Souza". D. Rute Xavier Marques informou-nos que seu pai sempre mencionou ter frequentado aulas nesse colégio, ao mesmo tempo em que exercia a função de censor, mas logo abandonou-as. Ademais, ensinou no curso primário do mesmo colégio.

⁹ Marques, Xavier. Vida de Imprensa. *Autores e Livros*, cit. nota 8.

¹⁰ Uma nota de XM parece terminar com a imprecisão com que algumas biografias referem-se à sua vinda para Salvador, aos 16 anos, e portanto em 1878. A nota de XM diz exatamente: "Vim para a Bahia em fim de 1882", ou seja, quando tinha a idade de 21 anos incompletos, se antes de 3 de dezembro.

¹¹ Ver nota 8.

¹² Entrou para a redação do *Jornal de Notícias* em 25 set. 1885 (Nota de XM).

¹³ Ver nota 9.

¹⁴ Sobre a indicação bibliográfica das obras de XM, cf. nosso trabalho *Bibliografia De & Sobre Xavier Marques*. Salvador, Centro de Estudos Bahianos, 1969 (Caderno 58).

¹⁵ No jornalismo, "o seu período de mais atividade foi o de 88 a 96, porque o jornal o possuiu completamente". Figueiredo, Jackson de. *Xavier Marques*. Salvador, Tip. Bahiana, 1913. p. 53.

16 D. Georgina, neta de portugueses, era filha do comerciante Luiz Sêrvulo de Menezes Dórea, homem de nível de vida satisfatório. (Informação de D. Rute Xavier Marques). Faleceu em 23 jun. 1957. *A Tarde*. Salvador, 23 jun. 1957.

17 Os filhos de XM receberam como sobrenome o seu nome literário. Hugo nasceu em 15 ago. 1891, e faleceu em janeiro de 1969. Olga nasceu em 18 abr. 1894, e é viúva do Dr. Pedro Virgílio dos Santos. O terceiro filho, Rute Georgina, nasceu em 19 dez. 1908.

18 *Jornal de Notícias*. Salvador, 29 ago. 1891.

19 *Ibid.*, 31 ago. 1891.

20 Nota de XM.

21 *Diário da Bahia*. Salvador, 31 out. 1942.

22 Saiu do *Diário da Bahia* em 1.º de junho de 1896. (Nota de XM)

23 Entrou em *A Bahia* em junho de 1896, deixando-o em 15 de abril de 1897. (Nota de XM).

24 "Em 1907, por ocasião de sua retirada da 'Gazeta do Povo' ..." Figueiredo, *op. cit.*, p. 54.

25 Em nota do tipo "consta que..." do *Diário da Bahia*. Salvador, 29 jun. 1918, diz-se que XM "aos gordos subsídios de deputado junta os proventos de redator do órgão do partido e ainda os de redator clandestino do *Diário Oficial*, tudo isto a despeito de sua invalidez como oficial da secretaria da Câmara, de que é par, e da pensão dessa invalidez decorrente...". Contestando, em "Declaração" publicada em *O Democrata*. Salvador, 2 jul. 1918, e republicada como matéria paga no *Jornal de Notícias*. Salvador, 6 jul. 1918, XM afirma não ser "redator, nem ostensivo, nem 'clandestino' do *Diário Oficial*, no qual somente em alguns meses de 1916 e 1917 prestei serviços que, sem solicitação minha, me foram incumbidos. Declaro mais que no cargo atual de redator e atual diretor d'*O Democrata*, órgão do partido a que pertença, desde o princípio de 1916, como simples redator, não percebo absolutamente um real de honorários."

26 Cunha, *op. cit.*, p. 195.

27 Ver nota 25.

28 Nota de XM.

29 Nota de XM. Saliente-se também sua ação em favor dos direitos autorais, então praticamente ignorados pela Lei no Brasil.

30 Viana, Antônio. A Nova Cruzada. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, (16): 45-50, 1942.

31 *Nova Cruzada*. Salvador, (10) set. 1906.

32 Na sessão comemorativa, cobriram-lhe a cabeça de flôres e o discurso mais importante foi pronunciado pelo poeta Pethion de Vilar. Figueiredo, *op. cit.*, p. 55-6.

33 *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 22 out. 1911. Um dos concorrentes era Agrippino Grieco, com o livro *Anforas*. Tem-se ser este o motivo, e não os de juízo crítico, pelo qual Grieco sempre atacou a obra de XM. Ver, por exemplo, *Evolução da Prosa Brasileira*. Rio de Janeiro, Aricl, 1933, p. 114-6, onde o crítico considera a obra de XM "ilegível".

34 Neves, Fernão. *A Academia Brasileira de Letras; notas e documentos para a sua história, 1849-1940*. Pref. de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, Acad. Bras. Let., 1940, p. 119.

35 Peixoto, Afrânio. *Poeira da Estrada*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1944, p. 265-270. (Obras completas de Afrânio Peixoto, 10).

36 Marques, Xavier e Andrade, Goulart de. *Discursos*. Salvador, Imprensa Oficial [1921], 60 p.

37 Cf. a propósito todo o primeiro número da *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, (1): 9, 11, 25 (especialmente), 1930.

38 *Jornal de Notícias*. Salvador, 29 ago. 1891.

39 D. Rute Xavier Marques deu-nos a informação de ter nascido nessa casa.

⁴⁰ Campos, Astério de. "Xavier Marques na Intimidade". In: Id. *Vários Escritos*. Salvador, Imprensa Oficial, 1916. p. 109.

⁴¹ Na atual Avenida Joana Angélica, bairro de Nazaré, vizinho à Faculdade de Filosofia da UFB.^a XM vendeu esse sobrado (ainda existente) quando foi para o Rio.

⁴² Informação de D. Rute Xavier Marques.

⁴³ Ainda não foi feito um levantamento das colaborações de XM em periódicos. Possuímos um elenco incompleto, que inclui revistas de tôdas as grandes cidades brasileiras e também algumas francesas. Esse levantamento poderá conduzir a alguns fatos interessantes, como o de ter publicado na *Revista Popular*, em 1897, (e republicado em outra, em 1916) um artigo "Contra a Polêmica", numa época em que o jornalismo se caracterizava pela polêmica mais apaixonada. Por outro lado, quando retornou à Bahia, escreveu ocasionalmente editoriais políticos e matérias redacionais em *A Tarde*, a pedido de seu diretor, jornalista Simões Filho. (Informação de D. Rute Xavier Marques.)

⁴⁴ Humberto de Campos, em suas anotações do dia 5 de agosto de 1928 de seu *Diário Secreto*, registra ter XM oferecido dois romances a todos os editores do Rio "para serem editados de graça. E nenhum dos nossos editores os quis". *Diário Secreto*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1954. p. 258. Um desses romances viria a ser editado em 1930, pela Freitas Bastos, *As Voltas da Estrada*. Mas de acordo com uma carta de XM para o editor, aquele pagou 50% da edição.

⁴⁵ Arnaldo Pimenta da Cunha, testemunha desses últimos anos de vida de XM, diz eufêmicamente: "semidesaparecido no cenário ativo da vida literária, nem assim perdeu a vivacidade de espírito". Cunha, op. cit., p. 195.

⁴⁶ Informação de D. Rute Xavier Marques.

⁴⁷ Cf. os jornais baianos de 31 out. 1942, especialmente *Diário da Bahia* e *A Tarde*.